



ANÁLISE COMPOSICIONAL DA VARIAÇÃO ENTRE *A*, *PARA* E *EM* EM SENTENÇAS COM VERBOS DO TIPO *IR* E *CHEGAR*

COMPOSITIONAL ANALYSIS OF THE VARIATION AMONG
A, *PARA* AND *EM* IN SENTENCES WITH VERBS LIKE *IR*
AND *CHEGAR*

Jair Gomes de Farias¹
Universidade Federal de Alagoas

Resumo: Neste artigo, analisa-se a variação intra e interlinguística entre as preposições *a*, *para* e *em* em sentenças com verbos do tipo *ir* e *chegar* na gramática do português. São utilizados dados das variedades do Português Brasileiro (PB) e do Português Europeu (PE). Ampara-se no método de abordagem hipotético-dedutivo e no método de procedimento comparativo. Fundamenta-se nas aporias advindas de Chomsky (1981, 1986, 1995) e de Pustejovsky (1998). Conclui-se que apesar da variação entre *a*, *para* e *em* na sintaxe, a estrutura lexical tipo desses predicados é similar, e as possibilidades de predicação distintas estão previstas nas representações dos itens lexicais, instanciadas pelo princípio da co-composição.

Palavras-Chave: Preposição; Variação intra e interlinguística; Léxico; Sintaxe.

¹ jair.farias@fale.ufal.br

Abstract: *This paper presents an analysis of intra and cross-linguistic variation among the prepositions a 'to', para 'for', and em 'in' in sentences with verbs like ir 'to go' and chegar 'to arrive' in the Portuguese grammar. Data from Brazilian Portuguese (BP) and European Portuguese (EP) varieties are used. The analysis is supported by the hypothetical-deductive approach and the comparative procedure method. The study is grounded on the logical problem by Chomsky's (1981, 1986, 1995) and Pustejovsky's (1998) work. It is concluded that, although there is variation among a, para, and em in the syntax, the lexical-type structure of these predicates is similar, and the distinct possibilities of predication are predictable on the lexical items representations, instantiated by the Co-composition Principle.*

Keywords: *Preposition; Intra and cross-linguistic variation; Lexicon; Syntax.*

INTRODUÇÃO

Estudos sobre o comportamento estrutural das preposições *a*, *para* e *em* em contextos frásicos com verbos do tipo *ir* e *chegar* apontam, pelo menos, para duas direções: a primeira advoga que a variação constitui erro gramatical, de acordo com gramáticos prescritivos como Almeida (1985), e a segunda, largamente defendida por discípulos de Labov (1972), argumenta que “são formas diferentes de se dizer a mesma coisa” em um contexto de uso da língua (Cf. MOLLICA, 1996, P.165).

Entretanto, apesar de suas importâncias, esses estudos não descrevem como essa variação é gerada nem explicitam como os mecanismos léxico-sintáticos condicionam as diferentes realizações sintáticas.

Neste artigo, ao analisar a variação entre as preposições *a*, *para* e *em* em sentenças com verbos do tipo *ir* e *chegar*, descreve-se e explica-se como na interface léxico-sintaxe, a partir do princípio da co-composição, as propriedades dos itens lexicais dos constituintes participam das diferentes predicções. Está dividido em três seções: na primeira, apresenta-se uma descrição do fenômeno em análise; na segunda, faz-se uma resenha da Teoria do Léxico Gerativo (PUSTEJOVSKY, 1998); e na terceira, apresentam-se as estruturas lexicais - tipo, decorrentes da instanciação do princípio da co-composição.

1 SOBRE A NOÇÃO DE COMPOSICIONALIDADE E A VARIAÇÃO ENTRE A, PARA E EM EM SENTENÇAS COM OS VERBOS DO TIPO IR E CHEGAR

A ideia de que a combinação dos itens lexicais na sentença é o que condiciona sua interpretação não é recente no âmbito da Gramática Gerativa. Já

em 1981, Chomsky apontava para o fato de que a interpretação da sentença depende de uma análise composicional, conforme verifica-se em (1),

- (1) a. O menino quebrou a janela
b. O menino quebrou o braço.

apesar de as sentenças serem construídas com o mesmo verbo – *quebrar* -, elas expressam eventualidades distintas. Ao passo que em (1a) o DP sujeito é interpretado como Agente, em (1b) é interpretado como um objeto afetado ou um experienciador. Essa ideia é captada pela composição do verbo + o complemento, o que implica assumir que a atribuição de papéis temáticos pode ser dada composicionalmente.

Ao aplicar a predição sobre a noção de composição aos contextos estruturais construídos com as preposições *a*, *para* e *em* + verbos do tipo *ir* e *chegar*, é pertinente pontuar que eles não constituem um conjunto de realizações sintáticas monomórfico. Essa assunção ganha suporte empírico ao olhar para os dados do PE e do PB abaixo apresentados:

- (2) a. O João foi a/para/em (o) cinema. (*PE com em)
b. *A carta foi a/em (o) cinema.
c. A carta foi para a(*a/em) casa do João.
d. O João foi-se embora para (*a/em) Maceió.
e. O João foi-se para (*a/em) Maceió.
f. O João foi embora para (*a/em) Maceió.
g. Eu vou à (*pra) Maria dizer-lhe umas verdades.
h. Eu vou à/na Maria dizer-lhe umas verdades. (*PE com em)
i. O prêmio foi para o João.
j. *O prêmio foi ao João.
l. *O prêmio foi no João. (*PE)
m O prêmio foi para a Universidade.(ok PE)
n. *O prêmio foi à Universidade (*PE)
- (3) a. O João chegou a/em Lisboa. (*PE com em)
b. *O João chegou para Lisboa
c. O João chegou(-se) à Maria (e disse)...
d. O João chegou (-se) na Maria (e disse)... (*PE)

- e. *O Joao chegou (-se) para a Maria (e disse)...
- f. A carta chegou.
- g. *A carta chegou a/em casa.

Desse conjunto de dados é interessante destacar quanto aos exemplos apresentados em (2) que, enquanto no PB é possível haver variação entre *a*, *para* e *em* com o verbo *ir*; essa variação é bloqueada com a preposição *em* no PE (cf. 2a); quando o traço do DP que tem a relação de sujeito gramatical é [-animado] e [-humano], as sentenças construídas com *ir* + *a* ou *em* são agramaticais, ao passo que com a preposição *para* é aceita por conta de um cruzamento semântico, em que todo o complemento é interpretado não só como Locativo, mas também como Benefactivo da eventualidade do predicado (cf. 2b, c, i, j, l, m e n); com o elemento *embora* adjunto a VP, com ou sem a presença do clítico *-se*, a única preposição que é aceita é *para* (cf. 2 d e f); já quando o elemento Locativo tem, além da função de Alvo, também traço [+humano], a construção com *ir* + *para* é bloqueada, ao passo que no PB podem ser construídas com as preposições *a* e *em*, enquanto no PE unicamente com *a* (cf. g e h).

Para os dados apresentados em 3, é interessante perceber que enquanto no PB existe variação entre *a* e *em* + *chegar*, no PE, a estrutura com *chegar* + *em* é bloqueada na gramática dessa língua (cf. 3a). Fato curioso é perceber que, ao contrário do que ocorre com o verbo *ir*, quando da sentença construída com o verbo *chegar*, em que o complemento Locativo tem também o traço [+humano], a construção que é agramatical é com a preposição *para*, ao passo que o PB gera com *a* ou *em* e o PE unicamente com *a* (cf. 3 c, d e e). Esta última afirmação vale também para os contextos em que o complemento Locativo não apresenta o traço [+humano] como em 3b. Já nos contextos apresentados em (4 f e g), observa-se que, por ser o DP com relação gramatical de sujeito, [-humano] e [-animado], e pela valência do verbo *chegar* não aceitar no contexto dado a inserção da preposição *para*, as frases de *chegar* + *a* e *em*, quando o DP é [-humano] e [-animado], são agramaticais tanto no PB quanto no PE. Todavia, quando o PP locativo é saturado, a construção é gramatical (cf. 3 f).

Observando, então, as estruturas acima apresentadas e a descrição de alguns fatos referentes aos papéis semânticos nas diferentes realizações sintáticas, é possível assumir que parece não ser o verbo o único responsável pela interpretação desses papéis, mas também há de se levar em conta que é a composição ou co-composição dos núcleos predadores, nos termos de

Pustejovsky (1998), que é responsável pela “variação” existente, o que pode apontar para dois caminhos: 1) ou essas diferentes realizações sintáticas com papéis temáticos subespecificados são estruturas distintas, lexicalmente marcadas e captadas pela noção de *linking rules*, conforme assumem Levin & Rappaport-Hovav (1995); 2) ou são derivadas de uma entrada de base comum que contemple essas diferentes representações a partir de propriedades predicativas já previstas na estrutura lexical (Cf. PUSTEJOVSKY, 1998). Neste artigo, assume-se a posição 2, haja vista o fato de que mesmo derivando um certo número de realizações sintáticas diferentes, a variação encontrada nos contextos construídos com os verbos do tipo *ir* e *chegar* + *a*, *para* e *em* tem uma estrutura lexical comum.

Faz-se necessário explicitar, pois, que o *locus* de variação intra e interlinguisticamente no tocante às preposições *a*, *para* e *em* reside nos contextos estruturais construídos com a preposição *em*, conforme o contraste abaixo:

- (4) a. O João foi a Lisboa. (OKPB/OKPE)
 - a'. O João foi para Lisboa. (OKPB/OKPE)
 - a''. O João foi em Lisboa. (OKPB/*PE)
- b. O João chegou a Lisboa. (OKPB/OKPE)
 - b'. O João chegou para Lisboa. (*PB/*PE)
 - b''. O João chegou em Lisboa. (OKPB/*PE)

o que permite questionar:

- (a) Por que quando da variação entre *a*, *para* e *em* + verbos do tipo *ir* e *chegar*, este complexo (V+P) impõe diferentes restrições seletivas nos diferentes contextos estruturais?
- (b) Como explicar as diferentes propriedades predicativas nos contextos estruturais dados?

Essas asserções levam ainda a convocar o fato de que por ser a preposição + ou – lexical (Cf. FARIAS, 2005), de acordo com a maior ou menor dependência dela em relação ao verbo, sendo, dessa forma, subespecificada no léxico e functor necessário à composição e determinação do conteúdo semântico da predicação²,

² Assume-se com Viotti (1999:126) a designação de Predicação “como um correlato semântico de operações constitutivas da sintaxe, decorrente da aplicação do princípio de composicionalidade.” Nesse sentido, como a Predicação é vista como a instanciação do princípio de composicionalidade, papéis temáticos devem ser flexíveis de maneira que

urge a necessidade de uma Teoria que postule como a composicionalidade pode ser formalmente implementada para explicar a variação e subespecificação de sentidos das sentenças construídas com verbos do tipo *ir* e *chegar* + *a*, *para* e *em*, dando especial enfoque ao fato de como esses contextos são licenciados por razões de natureza lexical.

2. O LÉXICO GERATIVO (PUSTEJOVSKY, 1998)

No âmbito da Teoria Gerativa, não é de agora a preocupação que tem sido direcionada à questão do léxico. Desde Chomsky (1970), é possível verificar a intenção desse autor em atribuir ao léxico papel crucial na derivação sintática. Tempos depois, já com *Lectures on Government and Binding* (CHOMSKY, 1981, 1986), fica assente, a partir do Princípio de Projeção e do Critério- θ , como cada nível da sintaxe (Estrutura-D e Estrutura-S) reflete as propriedades advindas do léxico. Com o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995), esta assunção ficou ainda mais clara, já que o léxico, como componente inicial da gramática, viabiliza a derivação ou checagem sintático-semântica no sistema computacional.

Então, para atender à necessidade de uma teoria que responda à demanda de como funciona o léxico gerativo, Pustejovsky (1998) propõe uma semântica lexical, por ele chamada de Teoria do Léxico Gerativo.

Pustejovsky (1998: p.289) traz para sua discussão problemas ainda não bem explicados, a saber: “how words can have different meanings in different contexts, how new senses can emerge compositionally, and how semantics types predictably map to syntactic forms in language”. (op. cit., p. 289)

Justifica ainda que grande parte da motivação para a postulação de sua Teoria do Léxico Gerativo reside no fato de “to see what contribution lexical information makes toward the overall semantic interpretation of sentences” (PUSTEJOVSKY, 1998, p. 290).

Ao definir o Léxico Gerativo como um sistema computacional, Pustejovsky (1998) estrutura o léxico não só em quatro níveis de representação: a) A Estrutura Argumental (Argument Structure), b) A Estrutura de Evento (Event Structure), c) A Estrutura Qualia (Qualia Structure) e d) a Estrutura de Herança Lexical (Lexical Inheritance Structure), como também com três dispositivos gerativos, que atuam nos quatro níveis acima: a coerção de tipo, a

possam refletir todas as interpretações permitidas pela aplicação de tal princípio entre os núcleos predicadores de um sintagma ou de uma frase.

ligação seletiva e a co-composicionalidade. É importante ressaltar que, nesta pesquisa, aplicam-se os níveis de representação da Estrutura Argumental, Estrutura de Evento e estrutura Qualia, e o dispositivo que norteia a análise dentro desses níveis de representação lexical é o da co-composição.

2.1 A ESTRUTURA ARGUMENTAL

A Estrutura Argumental é o nível de representação lexical que contém a especificação mínima da semântica de um item lexical. Pustejovsky apresenta quatro tipos de argumentos para itens lexicais de todas as categorias sintáticas:

(i) Argumentos verdadeiros, (ii) Argumentos *default*, (iii) Argumentos sombra; (iv) Adjuntos verdadeiros.

Pontuam-se, pois, que os parâmetros constitutivos da Estrutura Argumental devem ser entendidos de forma relativa, haja vista que, dados os dispositivos composicionais que atuam nos níveis de representação lexical, vão não só incidir sobre as propriedades de um item lexical que determinam seu estatuto lógico, ou do sintagma de que ele faz parte, como um tipo de argumento e não outro, como também podem criar um argumento ou transformar um argumento verdadeiro em argumento *default* ou argumento sombra.

2.2 A ESTRUTURA DO EVENTO

Pustejovsky (1998) assume que os eventos podem ser subdivididos em três tipos: *processos*, *estados* e *transições*. Para além dessa asserção, esse autor advoga ainda que esses eventos podem ser representados em uma estrutura de até dois subeventos, na qual um dos subeventos é o evento principal, o que implica caracterizar o tipo de evento do predicado, seja ele lexical ou sentencial. Diante dessa sistematização, uma estrutura de evento com subeventos estruturados pode ser configurada através das seguintes operações:

- ✚ < α - *exhaustive ordered part of*: um evento E com sua estrutura complexa de evento constituída de dois subeventos, *e1* e *e2*, sendo que *e1* e *e2* são temporalmente ordenados de forma que *e1* precede *e2*;
- ✚ ° α - *exhaustive overlap part of*: um evento E tem, em sua estrutura ordenada de dois subeventos, *e1* e *e2* ocorrendo simultaneamente;

-
- ✚ $\langle \alpha \rangle$ - *exhaustive ordered overlap*: um evento E tem em sua estrutura dois subeventos, e_1 e e_2 , ocorrendo simultaneamente, estruturados de tal modo que e_1 começa um pouco antes de e_2 .

2.3.1 A ESTRUTURA QUALIA

A Estrutura Qualia diz respeito à força relacional de um item lexical na representação semântica. É responsável por capturar como um conjunto de propriedades ou eventos associados a um item lexical podem explicar o significado desse item lexical. Há quatro aspectos essenciais do significado (ou qualia³) de um item: (1) Quale constitutivo: é a relação estabelecida entre um objeto e suas partes constitutivas; (2) Quale formal: é a relação em que se distingue um objeto dentro de um domínio mais amplo; (3) Quale télico: especifica o objetivo e a função do item e (4) Quale agentivo: especifica os fatores envolvidos na origem do objeto, ou seja, fatores concernentes ao fato de como esse objeto apareceu, nasceu, foi construído, etc.

Valendo-se de operações matemáticas, Pustejovsky argumenta que os tipos de informação qualia podem se originar por união, intersecção, dentre outras operações, sendo por ele denominada de produto cartesiano. Essa idéia de produto cartesiano vai desembocar na relação de habilidade de um item ter potencialmente vários sentidos, o que Pustejovsky chamou de “paradigma de conceito lexical” (lcp).

2.4 A CO-COMPOSICIONALIDADE

Dos dispositivos gerativos apresentados pela Teoria do Léxico Gerativo, a co-composição é o que mais diretamente atende às necessidades explicativas da análise proposta neste artigo. Ela se presta a implementar mais de uma aplicação de função numa estrutura como, por exemplo, a aparente polissemia verbal. Nesse caso, para se evitar uma listagem de itens, Pustejovsky postula que: (i) a regência do verbo se aplica a seus complementos; (ii) o complemento co-especifica o verbo; (iii) a composição das estruturas qualia tem como resultado um sentido derivado para o verbo, ou seja, o quale agentivo do verbo e o quale

³ Pustejovsky (1998, p. 86) apresenta uma classificação de quais informações cada quale é responsável na representação semântica de um item lexical: 1. Constitutivo: material, peso e partes de elementos que compõem o objeto; 2. Formal: orientação, magnitude, forma, dimensão, cor e posição; 3. Télico: especifica que um agente está realizando um ato, aponta a função de algo construído almejando algo a partir de determinadas atividades; 4. Agentivo: criador, artefato, tipo natural, cadeia causal.

agentivo do complemento são unificados, e o quale formal do complemento se torna o quale formal do VP inteiro.

3. A ESTRUTURA DE FRASES CONSTRUÍDAS COM VERBOS DO TIPO *IR* E *CHEGAR* + *A*, *PARA* E *EM*

A exposição de diferentes realizações sintáticas condicionadas por mecanismos léxico-semânticos apresentada na seção 1. deixa assente que o que configura a variação tanto entre *a*, *para* e *em* com verbos do tipo *ir* e *chegar* não só no PB, como também entre o PB e o PE, e, ainda, as diferentes predicções a partir de verbos correspondentes entre o PB e o PE estão relacionadas a propriedades predicativas advindas do complexo V+P.

Aqui, retomam-se algumas das sentenças já apresentadas na seção 1. a fim de explicitar como a subespecificação do elemento locativo e as diferentes predicções podem ser explicadas e formalizadas a partir da interação de informações contidas nos diversos níveis de representação lexical dos itens que constituem a predicção sentencial.

Assume-se, a partir da breve explanação da Teoria do Léxico Gerativo, que verbos do tipo *ir* e *chegar* são especificados no léxico, exatamente, por imporem restrições seletivas quanto a seus argumentos lógicos. Mas isso significa considerar apenas uma parte do processo de representação lexical. Daí, então, acrescenta-se que as preposições *a*, *para* e *em*, como itens subespecificados lexicalmente, afetam a natureza categorial desses tipos de verbo, co-especificando-os e, junto com eles, condicionando diferentes restrições quanto à seleção de seus argumentos e de como eles serão realizados na sintaxe, pela instanciação do dispositivo da co-composição. Assim, alguns dos exemplos apresentados em (2) e (3), são aqui repetidos em (5), (6), (7), (8), (9) e (10), já em notação do sistema de Pustejovsky,

- (5) a. O_ João foi_ ao cinema.
- b. O_ João foi_ para o cinema.
- c. O_ João foi_ no cinema. (*PE)

- (6) a. O_ prêmio foi_ para o João.
- b. *O Prêmio foi ao João.
- c. *O prêmio foi no João.

- (7) a. O_ João chegou_ a casa.
 b. O_ João chegou_ em casa. (*PE)

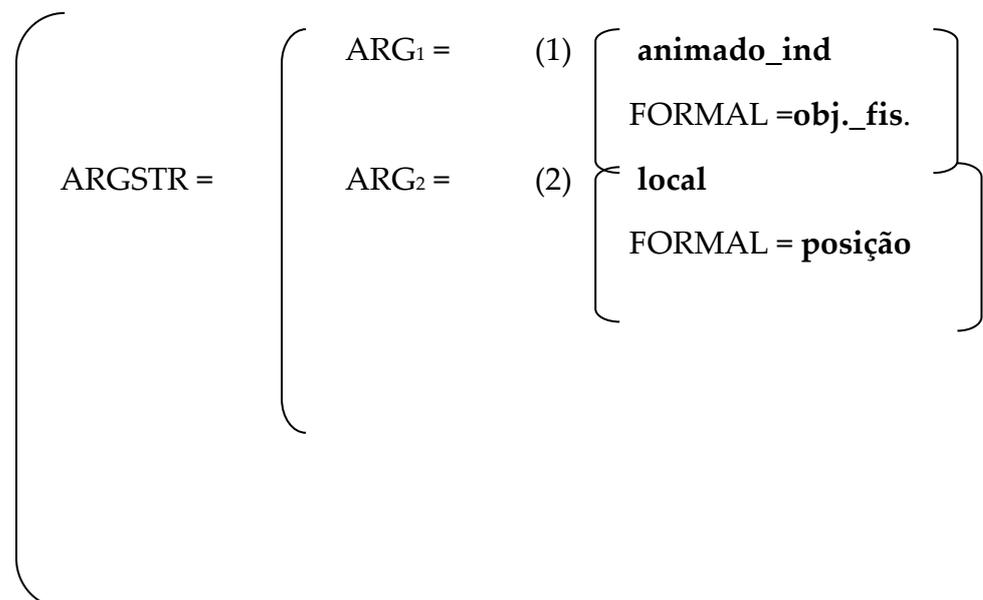
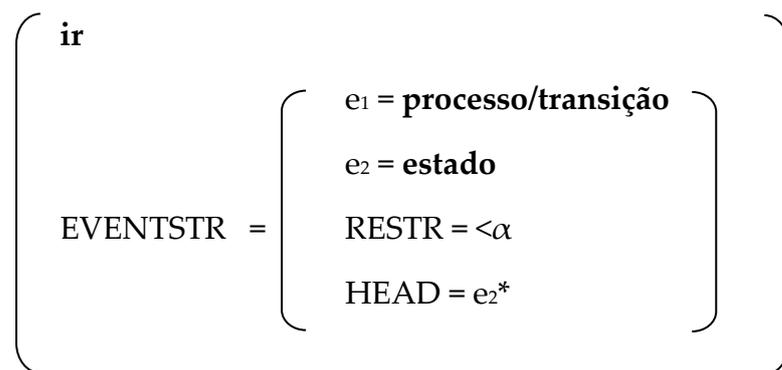
(8) A _carta chegou.

- (9) a. O_ João foi_ de Maceio ao Rio de Janeiro.
 b. O_ João foi_ de Maceió para o Rio de Janeiro.
 c. *O_ João foi_ de Maceió no Rio de Janeiro.

- (10) a. * O_ João chegou_ de Maceió ao Rio de Janeiro_ faz dois dias.
 b. O_ João chegou_ de Maceio no Rio de Janeiro_ faz dois dias. (*PE)

apresentam as seguintes representações lexicais:

Representação da Estrutura Lexical a partir do verbo *ir* nos dados de (6):



$$\left[\text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{ir_lcp} \\ \text{FORMAL} = \mathbf{a, para, em} (e_2, (1), (2)) \\ \text{AGENT.} = \mathbf{ir_ato} (e_1, (1)) \end{array} \right] \right]$$

A estrutura acima especifica as seguintes informações dentro dos níveis de representação lexical:

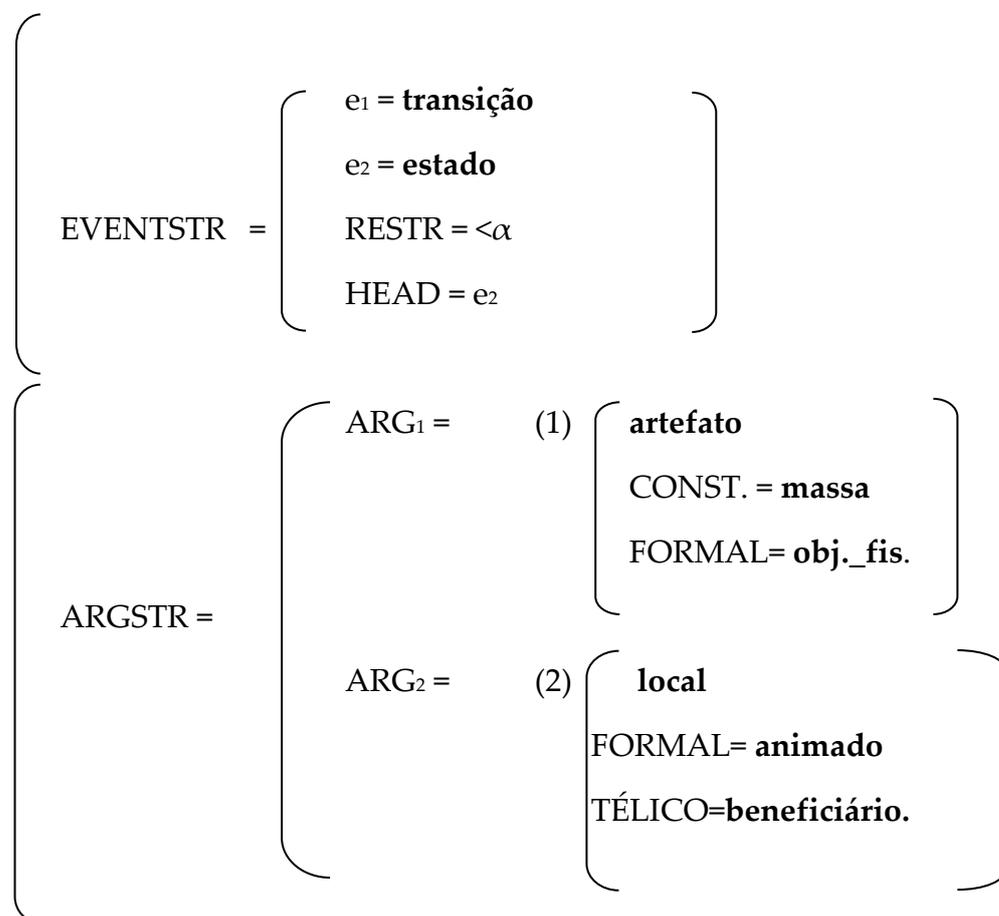
- a) A Estrutura do Evento - EVENTSTR-, apresenta dois subeventos: um processo/transição (e_1) e o outro o estado resultante (e_2). A relação que existe entre os dois subeventos é de estrita ordem $\langle \alpha$, em que o subevento e_1 é temporalmente anterior a e_2 , e o evento-núcleo dessa estrutura é e_2 (o estado resultante dessa transição). Se todos os elementos da EVENSTR forem alçados na estrutura frásica, essa sentença vai denotar um *achievement*.
- b) A Estrutura Argumental – ARGSTR-, apresenta dois argumentos verdadeiros (1) e (2). (1) tem o papel de argumento externo de *ir* e deve ser um indivíduo animado. (2) corresponde ao argumento interno e deve ser um local. O quale formal do argumento (1) indica que ele é um objeto físico, ao passo que o quale formal do argumento (2) estabelece que ele é uma posição que marca o estado resultante do subevento e_2 .
- c) A Estrutura Qualia traz a informação de que o significado de *ir* é paradigmático (lcp), ou seja, se depreende que é um significado que contém outros, ou que é o resultado de uma operação matemática sobre a estrutura de um reticulado. Na estrutura acima, o quale formal informa que a preposição, presente no e_2 , conecta o argumento (1) ao argumento (2); o quale agentivo informa uma relação: o argumento (1) age, transitando de (1) para (2) no subevento e_1 .

Com essa estrutura, evidencia-se, de forma simplificada e parcial, que a variação entre *a, para* e *em* com o verbo *ir* é já prevista na Estrutura Lexical desse tipo de verbo, o que fica, inclusive, assegurado que, nesses casos em que há uma subespecificação do complemento locativo quando da variação entre *a, para* de um lado e *em* por outro, esses contextos só serão instanciados quando da

intermediação do princípio da co-composição. Então, na estrutura apresentada acima, para os dados descritos em (6), em que existe uma uniformidade quanto aos traços dos argumentos verdadeiros que participam das sentenças, é possível assumir que as preposições subespecificadas são funtores da operação pela aplicação de função com a unificação do qualia, a partir da aplicação de duas expressões α e β que têm estruturas qualia Q_α e Q_β , respectivamente, em que um dos quale é compartilhado por α e β : $[Q_\alpha...[Q_i= \gamma]...]$ e $[Q_\beta...[Q_i= \gamma]]$. Assim, assumido que *em* é um item lexical que desencadeia essa variação, a partir da ordenação dos qualia, verifica-se que, mesmo auxiliando na derivação de diferentes realizações como apresentadas em (6), e sendo o *locus* da variação encontrada tanto interna ao PB quanto da comparação entre o PB e o PE, nos exemplos dados (Cf. Exemplos em 4, seção 1), a preposição *em* tem seus traços inseridos no mesmo quale do das preposições *a* e *para*. Daí, explica-se o fato de como essa variação está prevista pelos mecanismos léxico-semânticos acima apresentados.

Ademais, pela intermediação da co-composição dos argumentos pelo arcabouço de representação lexical do verbo *ir*, como se dará, então, o resultado da sentença apresentada em (7)? A estrutura lexical se dá como projetada abaixo:

Estrutura Lexical da sentença: *O prêmio foi para o João*



$$\left[\text{QUALIA} = \left[\begin{array}{l} \text{beneficiar_lcp} \\ \text{FORMAL} = \text{para} (e_2, (1), (2)) \\ \text{AGENT.} = \text{ir_ato abstrato} (e_1, (2)) \end{array} \right] \right]$$

As informações obtidas a partir da Estrutura Lexical apresentada acima podem ser sintetizadas da seguinte maneira:

- a) A Estrutura do Evento - EVENTSTR- apresenta dois subeventos: um transição (e_1) e o outro o estado resultante (e_2). A relação que existe entre os dois subeventos é de estrita ordem $<\alpha$, em que o subevento e_1 é temporalmente anterior a e_2 , e o evento-núcleo dessa estrutura é e_2 (o estado resultante dessa transição).
- b) A Estrutura Argumental – ARGSTR- apresenta dois argumentos verdadeiros (1) e (2). (1) tem o papel de sujeito gramatical de *ir* e se distingue de um conjunto maior de objetos por ser do tipo artefato. Isso vai ser dado porque o seu quale constitutivo informa que ele é um elemento massivo, o que adiciona a informação advinda do quale formal que estabelece que o ARG₁ é um objeto físico. (2) corresponde ao argumento interno e deve ser um local. No entanto, ao contrário da estrutura vista em (44), o ARG₂ aqui é um local animado, haja vista o quale formal dar essa informação. Esse fato se discrimina ainda mais pela informação capturada do quale télico no ARG₂, que dá a função de beneficiário ao local animado, que é o estado resultante do subevento e_2 .
- c) A Estrutura Qualia co-especifica o significado de *ir* nesse contexto, ou seja, a partir da co-composição dos argumentos na sentença, e verificando suas respectivas representações semânticas, o resultado é o de que, como a transição entre e_1 e e_2 na estrutura em (45) é um movimento abstrato em que o ARG₁ sofre a mudança de estado de ter transitado de e_1 para benefício de ARG₂, e como a proeminência do evento é o subevento e_2 , o quale formal aponta que é por

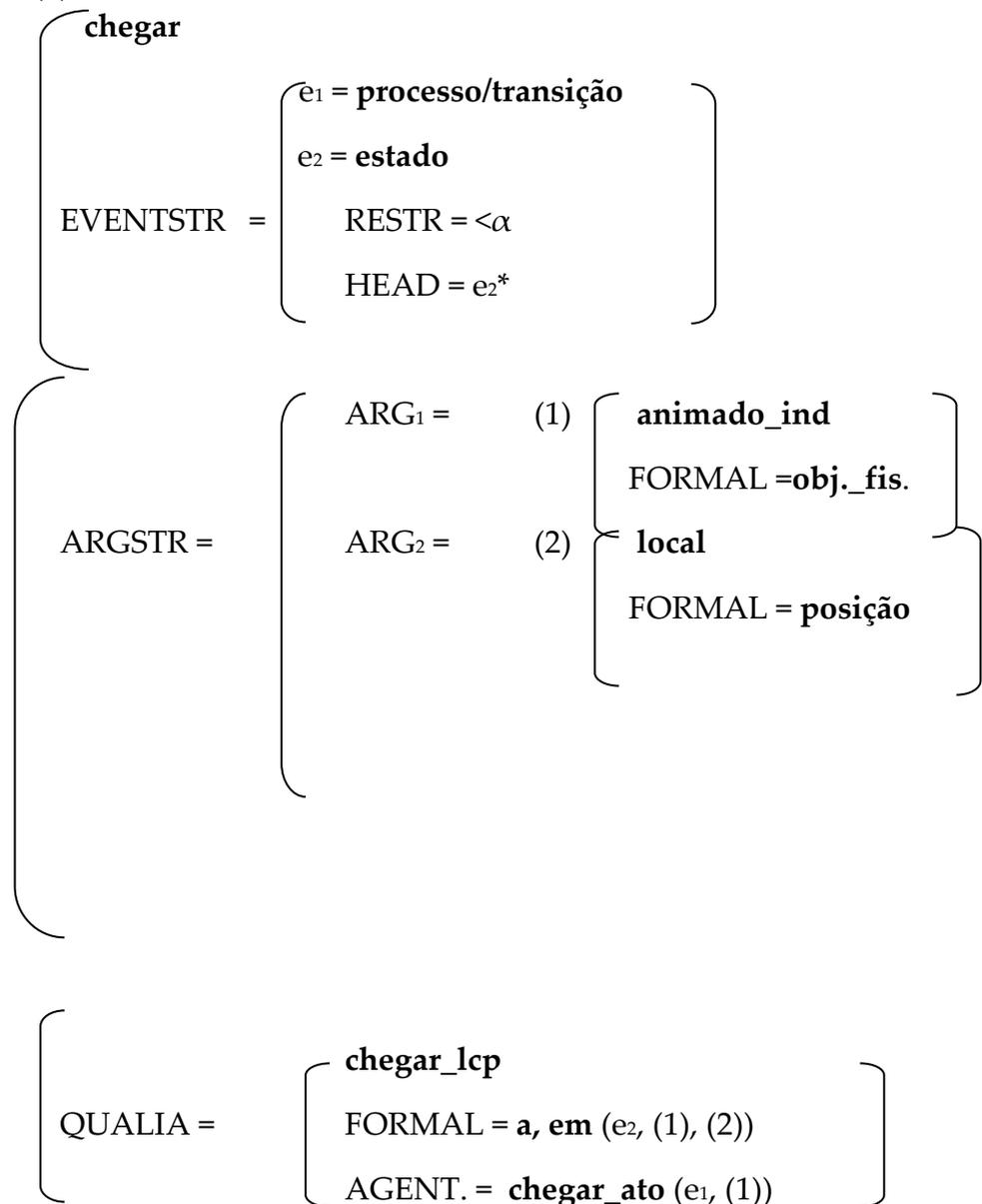
subespecificação da preposição *para* em co-composição com o item lexical *ir* que resulta essa interpretação, como pode-se ver na relação em que o quale formal informa que a preposição, presente no e₂, conecta o argumento (1) ao argumento (2); ao passo que o quale agentivo informa que o argumento (1) é a origem do movimento abstrato de (1) para (2) no subevento e₁.

O que é interessante se depreender do que foi acima apresentado a partir da sentença: *O prêmio foi para o João*, é que, exatamente por ser a preposição subespecificada no léxico e ter parcial controle de poder descritivo, a estrutura apontada só se compõe com a preposição *para*, haja vista os exemplos como os apresentados em (6 b) para o PB e o PE e (6 c) para o PB serem agramaticais nessas respectivas línguas, por não aceitarem as preposições *a* e *em* numa representação semântico-lexical compondo com itens lexicais com o mesmo tipo de informação daqueles que participam quando da preposição *para*. É então importante pontuar que, na estrutura acima, o que favorece a interpretação da sentença como um paradigma de conceito lexical beneficiário não é a polissemia verbal, já que não é disso que se trata aqui, mas sim a instanciação da co-composição, ao relevar que os complementos dos verbos, tendo eles próprios, uma representação semântica, criam significados diferentes para o verbo pelos diferentes tipos de alçamento dos seus argumentos. E esses sentidos não estão previstos numa enumeração lexical, mas sim numa representação léxico-semântica gerativa e co-composicional.

No que diz respeito a estruturas construídas com o verbo *chegar*, é importante salientar que, mesmo considerando que tanto ele como também o verbo *ir* apresentam não só estruturas argumentais, como também estruturas de evento similares, isso não implica dizer que eles terão exatamente a mesma representação lexical, quando intermediados pelo dispositivo gerativo da co-composição. O que têm em comum é um mesmo tipo, ou seja, em termos de satisfação aos papéis semânticos mínimos requeridos pelo núcleo verbal, os dois apresentam o mesmo parâmetro de argumentos lógicos, e a restrição de ordenação de subeventos e sua respectiva proeminência. Nesse sentido, diferentemente do verbo *ir*, o verbo *chegar* apresenta propriedades predicativas distintas (cf. (9) e (10)), como também impõe restrições seletivas diferentes a seus argumentos (cf. (7) e (8)). Portanto, no que concerne ao caso das preposições como núcleos auxiliares desses tipos de verbo, verifica-se que, com o verbo *chegar*, ao

contrário de *ir*, as únicas preposições que participam do complexo V+P são as preposições *a* e *em*, nos contextos dados. Por conta disso, apresenta-se a estrutura lexical de *chegar* em separado.

Representação da Estrutura Lexical a partir do verbo *chegar* para os dados de (7):



Nessa estrutura, depreende-se, ao comparar com a do verbo *ir*, que a diferença é mínima, ou seja, esses verbos compartilham de uma entrada lexical tipo, em que o que vai fazer diferença é a função parcial de denotações dos itens

“reanalisados” quando da co-composição com a informação advinda da estrutura qualia e interagindo com e nos outros níveis de representação lexical.

Com essa representação, fica evidente que a variação com *chegar + a* e *em*, interna ao PB e entre o PB e o PE é já requerida pela estrutura lexical tipo. No entanto, quando intermediadas pelo mecanismo gerativo da co-composição, podem gerar realizações sintáticas com subtipos composicionalmente dados, como é o caso da subespecificação do complemento locativo, mais proeminente quando com a preposição *em*, e menos proeminente quando com a preposição *a* (Cf. Exemplos em (12) e (13)).

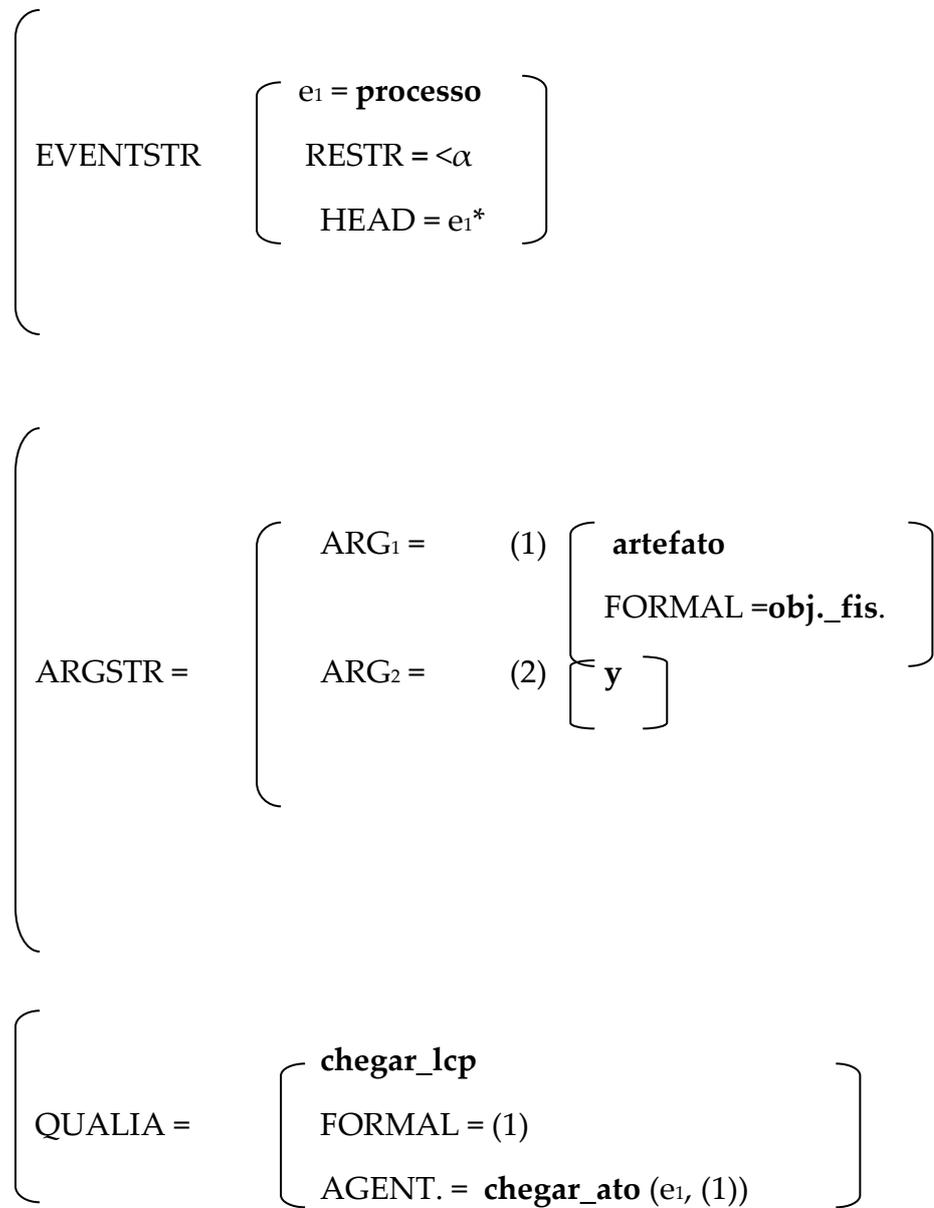
Como a caracterização dos fatos deixa ver, o verbo *chegar* apresenta também a construção inacusativa, como apresentada em (8) e aqui repetida em (11):

(11) A carta chegou.

Especificamente para esse caso, em que se observa que o PP argumento não foi realizado na sintaxe e que o DP que estabelece a função gramatical de sujeito da sentença é [-animado] e [-humano], e ainda aliando-se ao fato de que em sua entrada tipo o verbo *chegar* é um verbo de dois lugares, defende-se, com base em Pustejovsky (1998) e Reinhart (2000), que a construção inacusativa, como apresentada em (11), é derivada de uma base em que o conceito verbal causativo tem seu papel [+causa] reduzido, não realizado na sintaxe⁴. O que vai condicionar a contraparte inacusativa de predicados causativos⁵ é a mudança de “foco” de proeminência da estrutura de evento, como explicitado na estrutura logo a seguir:

⁴ “A verb is unaccusative iff its verbal concept includes [+c] role, and this role is reduced (not realized)” Reinhart (2000, p. 32).

⁵ Quando classificam-se os verbos do tipo *ir* e *chegar* como predicados causativos, não atribuem a esses predicados o mesmo comportamento das causativas românicas, que, por sinal, inexistem no português brasileiro; nem aos contextos de alternância causativa. O se evidencia com isso é que a estrutura desses predicados “causativos” tem um papel [+causa], nos termos de Reinhart (2000).



As informações captadas a partir da Representação Lexical acima podem ser sintetizadas da seguinte forma:

a) A Estrutura do Evento - EVENTSTR-, afetada pelo mecanismo da co-composição apresenta apenas um evento (e_1) realizado na sintaxe: processo. Isso implica considerar que o e_2 só pode ser efetivado pela realização do $\text{ARG}_2 = y$. Daí que, mesmo verificando que o evento proeminente é e_1 e que e_2 foi saturado, a relação é de estrita ordem $<\alpha$

, como já previsto na estrutura tipo, em que se os dois eventos forem alçados a sentença terá uma interpretação aspectual de *achievement*.

b) A Estrutura Argumental – ARGSTR-, apresenta apenas um argumento verdadeiro realizado ARG₁, mas prevê *y* como ARG₂, tendo, dessa forma, a possibilidade de alçamento numa combinação de itens lexicais. (1) tem a relação gramatical de sujeito de *chegar* e se distingue de um conjunto maior de objetos por ser do tipo artefato, e seu quale formal dá ainda a informação de que é objeto físico.

c) A Estrutura Qualia apresenta que a interpretação do verbo *chegar*, nesse contexto, está condicionada pela conexão do quale formal, presente em (1), que, por consequência, vai apontar para a indicação do subevento e₂ como mais proeminente: processo. Já o quale agentivo informa que (1) é a origem do processo instanciado em e₁.

Verifica-se, então, que as construções inacusativas com esses tipos de verbos se efetivam a partir da instanciação do dispositivo gerativo da co-composição, em que se tem uma entrada tipo comum e, a partir de relações lexicais denotadas de informações que afetam os níveis de representação lexical, gera-se a contraparte inacusativa numa base “causativa”. Conclui-se, pois, que as construções inacusativas com verbos do tipo *ir* e *chegar* são o resultado de um processo composicional.

Dando sequência à discussão e à reflexão de como as diferentes realizações sintáticas com as preposições *a*, *para* e *em* em construções com verbos do tipo *ir* e *chegar* são condicionadas pela combinação dos itens lexicais na predicação sentencial, retomam-se os exemplos em que se dá variação de predicação distinta na seleção e co-composição dos verbos do tipo *ir* e *chegar*, tanto no PB, quanto entre o PB e o PE. Já está evidente no curso deste artigo que a estrutura lexical de verbos do tipo *ir* e *chegar* prevê em sua entrada tipo a possibilidade de variação entre as preposições *a*, *para* e *em* para os contextos construídos com o verbo *ir*, e variação entre *a* e *em* para os contextos construídos com o verbo *chegar*. Daí, é possível mesmo se falar não de um parâmetro sintático, já que não existe variação sintática em termos de noções de subcategorização ou de inserção de argumentos expletivos ou não, caracterizando essa variação, mas sim de um parâmetro lexical, e isso tem a ver como as diferentes realizações no PB, como também entre o PB e o PE, mapeiam cognitivamente as noções de espaço.

Nesse sentido, ao argumentar que a diferença capturada quando da variação entre *a*, *para* e *em* nos contextos dados é de subespecificação do elemento locativo, aponta-se como evidência os exemplos apresentados em (9) e (10), e aqui repetidos em (12) e (13):

- (12) a. O _ João foi_ de Maceió ao Rio de Janeiro.
b. O _ João foi _de Maceió para o Rio de Janeiro.
c. *O _ João foi_ de Maceió no Rio de Janeiro.

- (13) a. * O _ João chegou_ de Maceió ao Rio de Janeiro_ faz dois dias.
b. O _ João chegou_ de Maceió no Rio de Janeiro_ faz dois dias⁶.

(*PE)

Para os dados acima, adota-se a mesma estrutura lexical já apresentada tanto para o verbo *ir* como para o verbo *chegar*. O que é interessante destacar é como é dada a informação através do quale formal em que a preposição atua criando uma função diferente na estrutura. Isso implica, então, argumentar que nos dados de (12 a e b), os subeventos ordenados a partir da restrição $\langle \alpha \rangle$ têm sua proeminência marcada no subevento e_2 . Essa caracterização deixa, inclusive, entrever que o verbo *ir* é um verbo de movimento em que uma entidade x pode se deslocar de um ponto de origem y a uma direção z . Todavia, ao assumir que a informação advinda dos qualia condiciona diferentes processos de representação lexical, o que se depreende, ao comparar os dados de (12 a e b) com os de (12 c) é

⁶ Em Farias (2004: 8), explicitam-se que os contextos construídos com verbos do tipo *ir* e *chegar* em que o PP projeta seu Spec, ou seja, o PP que marca a origem do curso transitado pelo sujeito da sentença, tem o mesmo comportamento de quando se é realizado apenas o seu núcleo, isto é, o PP de origem e o PP alvo formam um único sintagma. Isso pode ser corroborado pelo fato de que, quando se clivam essas sentenças, não se pode nem quebrar adjacência entre o verbo e o complemento, como também entre o Spec, PP e seu núcleo:

- (i) a. O João foi de Maceió a/para Lisboa.
a'. Foi ir de Maceió a/para Lisboa o que o João fez.
a'' *Foi ir de Maceió o que o João fez a/para Lisboa.
a''' * Foi ir para Lisboa o que o João fez de Maceió.
a'''' *Foi ir o que o João fez de Maceió para Lisboa.
- (ii) a. O João chegou de Maceió *ao/(OK/PB) no Rio de Janeiro há dois dias.
a'. Foi chegar de Maceió no Rio de Janeiro o que o João há dois dias. (*PE)
a''. *Foi chegar de Maceió o que o João fez no Rio de Janeiro há dois dias.
a'''. *Foi chegar ao/no Rio de Janeiro o que o João fez de Maceió há dois dias.
a'''' . *Foi chegar o que o João fez de Maceió ao/no Rio de Janeiro há dois dias.

que a preposição *em*, apesar de compartilhar de traços semelhantes às preposições *a* e *para*, subespecifica seu complemento locativo, dando-lhe maior proeminência e bloqueando a ideia de movimento de uma origem a um alvo. Ou seja, a relação de lugar quando da construção com a preposição *em* é mais relevante do que o percurso descrito pelo quale agentivo que transita de e_1 para e_2 marcando desde a origem desse curso até o alvo.

Já quando se olha para os contextos apresentados em (13), verifica-se que o mecanismo de combinação dos itens lexicais, mais especificamente o complexo V+P, opera numa direção contrária à predicação com o verbo *ir*. Essa predição pode ser captada, quando se observa que, contrariamente aos contextos construídos com *ir*, com o verbo *chegar* a preposição que entra na combinação dessa predicação é exatamente a preposição *em*, sendo, bloqueada a preposição *a*.

É válido também ressaltar que a construção do PP com seu Spec projetado em contextos com o verbo *chegar* não é gramatical no PE, o que faz Xavier (1989, p. 233) assumir para o PE que o verbo *chegar* não é um verbo de Deslocação, no sentido de Jackendoff (1972), mas sim de Localização.

Com essas predições, descrevem-se e explicam-se, portanto, a diferença de composição semântica entre o PB e o PE no que diz respeito às diferentes predicações com o verbo *chegar*, que, mesmo tendo uma entrada comum para as duas línguas, apresenta propriedades predicativas distintas entre o PB e o PE, como ficou apresentado em (13).

CONCLUSÃO

Neste artigo, analisou-se a variação intra e interlinguística entre as preposições *a*, *para* e *em* em contextos frásicos com verbos do tipo *ir* e *chegar* no português brasileiro e no português europeu, objetivando descrever e explicar que mecanismos léxico-sintáticos condicionam essa variação. Evidenciou-se que o lócus de variação reside nas sentenças construídas com a preposição *em*, o que implica restrições de seleção semântica e também de subcategorização impostas pelo complexo V+PP nos contextos analisados.

Para a formalização e explicitação desses mecanismos lexico-sintáticos, fundamentou-se substancialmente na Teoria do Léxico Gerativo, de Pustejovsky (1998), utilizando-se do princípio gerativo da co-composição para a análise empreendida.

Resultou-se que as estruturas que captam a variação entre *a*, *para* e *em* com verbos do tipo *ir* e *chegar*, mesmo apresentando diferentes realizações sintáticas, têm uma entrada lexical enriquecida comum, ou no dizer de Pustejovsky (1998), uma estrutura lexical tipo, e as possibilidades de predicação distintas estão previstas nas representações dos itens lexicais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. Gramática metódica da Língua Portuguesa. São Paulo: Saraiva, 1985.
- CHOMSKY, N. Lectures on government and binding. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. Knowledge of language: its nature, origin and use. (trad. Portuguesa: O conhecimento da língua, sua natureza, origem e uso, de Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves). Lisboa: Caminho, 1994.
- CHOMSKY, N. & LASNIK, H. A teoria de princípios e parâmetros. In: JACOBS et al. (eds). Syntax. Berlin-New York: Walter de Gruyter, 1993.
- CHOMSKY, N. The minimalist program. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.
- FARIAS, J. G. Aspectos da sintaxe de preposições no português. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Alagoas, 2005.
- FARIAS, J. G. Variação entre *a*, *para* e *em* no português brasileiro (PB) e no português europeu (PE): locus de microvariação sintática. In: Fórum Lingüístico da Nova, 2004. *handout...*, Lisboa, 2004. p.1-14.
- JACKENDOFF, R. Semantic interpretation in generative grammar. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1972.
- MOLLICA, M.C. A Regência variável do verbo *ir* de movimento. In.: SILVA, G. M. O. & SCHERRE, M. M. P (orgs.). Padrões sociolingüísticos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1996. p. 85-119
- PUSTEJOVSKY, J. The generative lexicon. London: Cambridge, MIT Press, 1998.
- REINHART, T. The theta system: syntactic realization of verbal concepts. Utrecht: OTS Working Paper, 2000.
- VIOTTI, E. C. A Sintaxe das sentenças existenciais do português do Brasil. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1999.
- XAVIER, M. F. Argumentos preposicionados em construções verbais: um estudo contrastivo das preposições *a*, *de* e *to*, *from*. Dissertação de Doutorado. Universidade Nova de Lisboa, 1989.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 07 de outubro de 2016

Aprovado em sistema duplo cego em: 19 de novembro de 2016